



TERRA NOSSA de Cada Dia

Boletim de Reflexão e Partilha

Pensar globalmente / Agir localmente

Editor: EDUKAMINHO de José da Silva Duarte (Portugal / Braga / Dume)

Ano I – Setembro 2010

MARTE

Des(a)tino?



Anos 50 e 60. Von Braun, que viera a morrer em 1977, tinha Marte como seu tema favorito.

Apesar de difícil e caro (750 000 milhões de dólares, hoje), o interesse renasce.

Robert Zubrin, presidente da *Mars Society*, dá três razões para irmos ao planeta vizinho:

- 1) Conhecimento;
- 2) Desafio;
- 3) Futuro.

Pessoalmente, pego no ponto 3) para fazer esta reflexão. Nas Selecções Reader's Digest, de Agosto 2010, na página 133, lemos o seguinte:

“Marte não é apenas uma curiosidade científica. É o Novo Mundo. Algum dia, talvez num futuro longínquo, milhões de pessoas podem lá viver. Hoje, temos a oportunidade de ser os fundadores, os pais e os formadores de um novo ramo da civilização humana. É um privilégio a que não podemos voltar as costas”.

Disse hoje, aos meus netos, “estou a preparar a minha mochila para fazer uma viagem até Marte”. Olhos arregalados e brilhantes pareciam dizer “mais uma brincadeira do meu avô!” Conversamos um pouquinho sobre Marte (ouvi-os, sobretudo).

De novo só, comigo mesmo. O conhecimento científico, o seu método, a procura do rigor, as suas conquistas... são aspectos que me prendem. Mas, aqui e agora, não vou abrir este tópico. Tão pouco vou abrir o do desafio, essa palavra mágica, cheia de surpresas...

Concentro-me de novo no texto das Selecções que pus a negrito. E parece-me ouvir uma voz que me questiona:

- Tu crês nesta mensagem?
- Não será a falta dos milhões de dólares, nem o facto de ainda não dispor do Biosuit (o modelo que poderá ser o supra-sumo da moda em Marte), mas, há algo que faz abortar o meu entusiasmo...
- Esse algo é?
- As contradições humanas, na Terra nossa de cada dia! Como diz C.S. Lewis “Rezemos para que a raça humana jamais fuja da Terra para espalhar a sua iniquidade noutros lugares”.
- Daí o sub-título.
- Sim... queria dizer “destino”...mas o “desatino” impõe-se...

Palavras-chave:

- . Astronomia
- . Boa Nova
- . Braga
- . Dume
- . Escola
- . Itália
- . Madagáscar
- . Marte
- . Norte
- . Portugal

ÍNDICE

MARTE	
Des(a)tino?	p.1
MADAGÁSCAR	p.2
ITÁLIA	p.2
O MELHOR DE PORTUGAL	p.3
BOA NOVA DO NORTE	p.3
ASTRONOMIA EM BRAGA	p.4
DUME – “VENTOS DE MUDANÇA	p.4

Suplemento:

Regresso...
À ESCOLA OU ÀS AULAS?

Editor:



www.edukaminho.blogspot.com

www.edukaminho1@gmail.com

MADAGÁSCAR

Pátria, Liberdade, Progresso



- Olá, Daniel Razakaria!

Eu sou o José Duarte, de Braga, Portugal. Estudamos e vivemos no Sources (Collonges-Sous-Salève, França), nos anos lectivos de 1974 a 1976. Recordas?

Como gostaria de estar contigo (ou convosco), uns dias nesse santuário da biodiversidade! Mas, como ainda somos reféns dos nossos condicionamentos, terei que contentar-me com esta reflexão.

Eis-nos, em espírito, visitando alguns nichos que justificam a informação encontrada na Wikipédia:

Madagascar é o país com a maior diversidade de fauna e flora em todo o planeta, abrigando milhares de espécies de pássaros, répteis e anfíbios, muitos deles existentes apenas em seu território, como o lêmure, fundamentais para a vida animal nas florestas, pois é ele que distribui as frutas existentes pelas selvas do país, e é de suas sementes que a floresta se regenera.

- *Tu adoras a Natureza!* – poderias dizer-me, se não me conhecesses. Mas tu recordarás que o meu tema de eleição é a Humanidade, na sua relação com o Criador e com as restantes criaturas (fauna, flora...)

Foquemos, agora, Madagáscar, a maior ilha de África e uma das maiores do mundo. O Tempo, esse “velho de barbas brancas” fala-nos do ano 1500, quando os primeiros europeus (os portugueses) chegaram à ilha; 1885 quando a França transforma Madagáscar em protetorado, e colónia, em 1896. Apontando, com um sorriso, o ano 1960 repete as três palavras do nosso subtítulo: Pátria, Liberdade, Progresso. O povo de Malagasy ou Malgaxe, sacode, finalmente, o jugo francês!

- *Hoje* – diz o Tempo com um olhar triste - *restam apenas 5% das vastas florestas tropicais que cobriam toda a parte leste da ilha!*

E, num tom de esperança, acrescenta:

- uma boa-nova: em 1990 foi criada a Reserva de Biosfera de Mananara, na costa noroeste da ilha. Com a tutela da Unesco, o intuito é preservar um pedaço da selva e promover o desenvolvimento sustentado da área.

Um abraço, Daniel Razakaria!

ITALIA

Roma, sua capital foi, durante séculos, o centro da civilização ocidental.



Vou dar uma “volta” por Itália, quem sabe, o encontro com o meu amigo Rudolfo, acontece.

Orientam esta viagem-reflexão uma trilogia de valores: Religião, Cultura e Natureza.

Estou na terceira cidade mais visitada da União europeia. Esta cidade eterna, tem, qual “menina dos seus olhos”, o estado do Vaticano. É com esta pista que utilizo a primeira palavra da trilogia referida.

Religião:

Numa brincadeira literária, escrevo Roma e amoR. Roma, símbolo do poder temporal, político, e amoR, representando o poder espiritual... “Deus é amor”, diz a Escritura Sagrada. “Roma é deus”, diz a História, acerca desses tempos em que ser cristão ou judeu, era o mesmo que ser ateu.

Penso no Vaticano que gere os destinos da Igreja, católica, apostólica, romana... Tenho dificuldade em conciliar as palavras “católica” (universal) e “romana”... Se, em vez de “romana”, fosse “segundo a epístola aos Romanos”... Bem, demos a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.

Cultura:

Eis uma palavra que pretende dizer tanto que até se pode confundir com a Religião. Pensando no património cultural italiano - tudo o que é criado pelo homem (excluiu-se o que é biológico) – como se lê na Wikipédia, é famoso pela *sua arte, monumentos, entre os quais se encontram a Torre de Pisa o Coliseu de Roma, bem como pela sua comida (pizza, pasta, etc.), vinho, estilo de vida, elegância, design, cinema, teatro, literatura, poesia, artes plásticas, música (especialmente a Ópera), e, de uma forma geral, por aquilo que é considerado por muita gente “bom gosto”.*

Natureza:

Considerada deus (não pelos verdadeiros católicos, nem pelas pessoas verdadeiramente cultas).

Lí que os recursos naturais da Itália, que são muitos e de qualidade, aliados ao estilo de vida relativamente sadio e todo o bom humor dos italianos não são suficientes no entanto para dar ao país o título de paraíso da felicidade.

Termino, dirigindo-me a ti, Rudolfo Ferraro:

- Religião, Cultura, Natureza, como vês esta trilogia?

O MELHOR DE PORTUGAL...

- *Olha bem para esta “foto de família”* - disse-me.

Ali estavam as caras mais mostradas nos órgãos de comunicação social. Responsáveis pelas mais variadas áreas de interesse nacional, uns sorriam, outros nem por isso.

- *Quem representa o melhor de Portugal?* – perguntou-me com um sorriso malicioso.

- *Eu não tenho saber para te responder de uma forma consciente e responsável* – brinquei.

- *Imagina que és capaz* – insistiu.

Então lembrei-me de um recurso natural que parece favorecer este “país à beira mar plantado”. Não, não é o mar, porque esse já está nas mãos de uns quantos.

- *É o Sol.*

- *Eu perguntei “quem” e não “o que”.*

Porque já esperava a objecção, coloquei o meu trunfo sobre a mesa:

- O melhor de Portugal é quem aprende com o Sol: serve a todos, em geral, e não há mi, bi, tri...milionário que o consiga comprar ou vender.

Se o leitor me pedir para apontar, na tal “foto de família”, quem tem a humildade e a sabedoria para aprender com o mestre Sol, eis a minha resposta:

- Método socrático. É isso mesmo, de pergunta em pergunta, tentar perceber como é que os diferentes actores interactivam em autonomia e em sociedade, no seu ou nosso quotidiano (contributo de Sócrates, filósofo grego e de Mário Simões, psiquiatra português).

O meu amigo, vai lendo à medida que eu escrevo. Sorrindo, duvida e critica a minha reflexão. Não, não o faz em nome de qualquer mania, interesse ou medo. Ele está de acordo com Augusto Cury, pois usa o filtro da arte da dúvida e da crítica (em relação a si próprio, principalmente, ou a outrem), para sermos actores principais no palco da vida, leia-se do quotidiano.

Com todo o respeito pelas pessoas que não usam a repressão quando delas se duvida ou acerca delas se critica.



BOA NOVA DO NORTE

Sei que é “boa nova”, que é do “norte”, mas, por agora, nada mais sei.

- *Tonto!* – dirá você.

- *É uma leitura, talvez a mais comum. Outra poderá ser “atento”* – sugiro eu.

Na minha mente surge a imagem de um pescador. Este, embora não vendo nem sabendo o peixe que poderá pescar, está atento ao mais pequeno sinal para o **ferrar**.



Já sei qual é a “Boa Nova”. Ainda não consigo entender porquê “do Norte”... Já sei. Também a mim me parece estranha esta reflexão... mas vai acontecendo, diria, naturalmente...

Boa Nova: Não queremos peixe, por outros pescado, frito, cozido ou assado... e, às vezes, até mastigado. Queremos ser actores e não consumidores. **Deixem-me construir a minha cana e pescar, eu próprio, o meu peixe** (não, não é egoísmo, é autonomia consciente, responsável e interactiva, em sociedade).

Do Norte: Referência para corrigir rotas ou paradigmas que, a manter-se, levar-nos-iam, individual e colectivamente, para o abismo da solidão ou para os desertos da depressão.

Voz, voto e vez, para sermos autores e parceiros, hoje, aqui e agora, do nosso futuro comum.

Eis, por outras palavras, a Boa Nova do Norte, que na família, na empresa, na escola... na sociedade, pode dar-te o estatuto de actor, e não de um dependente, da bulorenta piedade ou pseudo caridade.

Confuso, pergunto-me:

- *Sou autor ou leitor?*

Ele, desta vez, não falou; apenas escreveu:

És, simultaneamente, autor e leitor.



ASTRONOMIA EM BRAGA

Acontece(u) no Mosteiro de Tibães, nesse espaço nobre do concelho de Braga: **uma noite mágica onde o céu nos revela alguns dos seus segredos!**

No dia 13 de Agosto, numa iniciativa do Serviço de Educação e Comunicação do Mosteiro de Tibães em parceria com ORION – Sociedade Científica de Astronomia do Minho, no âmbito do programa Astronomia no Verão - Ciência Viva, um grupo de umas 50 pessoas, entre as quais um bom número de curiosas crianças ouviram falar de chuvas de “estrelas”, leia-se de meteoros, a das Perseidas. Seu nome deriva do seu radiante de proveniência. O seu ponto de origem parece provir da constelação Perseu, mais concretamente das proximidades da estrela gamma persei.



Mas não ouviram apenas, também observaram, a olho nu, algumas dessas “estrelas cadentes” e, através do telescópio viram o mesmo que Galileu: Júpiter e as suas quatro luas.



Foi uma observação “privilegiada e mística”.

E, imagine-se, no final da palestra, todos os presentes, receberam do astrónomo João Vieira, “perseidas”, que levaram para casa, sim, como recordação, deste momento imperdível, que se repete.



As sensações, terão sido imensas e variadas! A minha: a vontade de ficar ali, deitado, noite dentro, a ler as mensagens que, embora efémeras, aqui ou ali, riscavam o firmamento... E, quem sabe, talvez em sonho, ser visitado pelos nossos “vizinhos”, esses desconhecidos.

No dia seguinte peguei no guia **Um Passeio pelos Céus**, para “beliscar” o meu intelecto... não fosse ter adormecido e sonhado!

DUME - “VENTOS” DE MUDANÇA

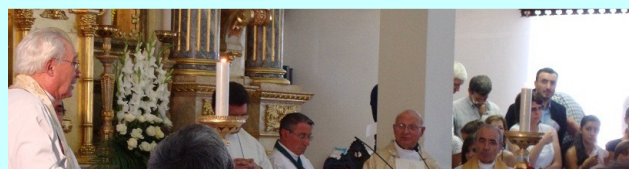
Que mais dizer, quando, talvez exagerando, coloco, no meu blog, *posts* com texto e fotos dos eventos, nos quais, procuro perceber os “ventos” de mudança, que possam requalificar as nossas relações intra, interpessoais e interinstitucionais. Sim é possível voltarmos a ser tema de notícia pela positiva...

Em Agosto, vários eventos tiveram lugar:

A festa do Padroeiro: S. Martinho de Dume;



As Bodas de Ouro Sacerdotais do nosso Prior: Pe. Armindo Ribeiro Alves (ver mais sobre, em www.edukaminho.blogspot.com);



Passeio-convívio (a Conímbriga) da FNA (ler mais sobre, em www.edukaminho.blogspot.com);



E outros mais, dos quais não tive conhecimento...

Porque o tempo para reflectir e planear 2011 se aproxima, deseja-se a todos os responsáveis das instituições que ousem sonhar com uma comunidade que nos dignifique. Que na crise geral, que enraíza e cresce, vejamos uma oportunidade para separar o trigo do joio, o essencial do acessório, e, juntos, dizermos sim à Vida!

Concluo com as palavras de Rubem Alves (em “O infinito na palma da mão”, p. 30):

“Quando a alma é pesada, ela precisa de muita coisa para não se desequilibrar. Mas, se ele é leve, não precisa de quase nada. Preferivelmente, apenas de um mochila...”